

Biografemas Homoculturais de uma travesti Marginal: Resistência trans no conto *O Amor Grego*.

(1) Tiago Calazans Simões

(1) *Universidade Estadual de Santa Cruz, TCLZANS@GMAIL.COM*

Resumo

No presente trabalho, o nosso olhar priorizou as intersecções entre crítica cultural, crítica literária, literatura comparada e espaço biográfico. Dessa forma, os pressupostos teóricos aqui privilegiados oferecem destaque às noções de "espaço biográfico" (ARFUCH, 2010), "biografema" (BARTHES, 1990; DOSSE, 2007) e a uma leitura que, impulsionada pela da noção de homocultura, juntamente à de biografema, tem grande influência das *escritas de si*: o "biografema homocultural" (MITIDIERI, 2013; 2014). Buscamos apoio do relatório da Comissão Nacional de Verdade (que trata da ditadura civil-militar brasileira do período 1960-1980) utilizado como fonte histórica, enfocando nesta obra a perseguição das travestis através da censura, da violência física, institucional e simbólica promovidas pela ditadura civil-militar brasileira (período 60-80). Somando corpo à discussão textos de militantes da pauta trans, analisaremos através do referido ferramental teórico e histórico, o conto: "O amor grego", de Aguinaldo Silva (1977). Foi eleita a abordagem biografemática para priorizar a temática da perseguição sofrida pelos sujeitos de sexualidade fora do padrão dentro do conto, que se deu através de um contexto de censura e de violência dos seus corpos. Na discussão das relações dessa narrativa contemporânea com o poder, a tradição, o cânone, a religião e as instituições, identificamos como corpos e desejos se envolvem na trama estética, literária e política, em que o falar de si da travesti Lena Lee parece afetar o programa de si, de sua individualidade, de sua identidade e trocas culturais em um contexto marginalizado.

Palavras-chave: Biografema, Espaço Biográfico, Ditadura Militar, Travesti Marginalizada.

Introdução:

O conto eleito foi “O amor grego (SILVA, 1977)”; priorizamos a noção de biografema homocultural, partindo da temática ditatorial, e dando relevância à perseguição sofrida pelos sujeitos de sexualidade e identidade não padrão pelo regime militar, que se deu através da censura e da violência dos seus corpos. O contexto é de censura sofrida pelo referido autor; onde proibições institucionais do Estado brasileiro provocaram uma carência de circulação de textos com autoria, temática ou personagens homossexuais como bandeira. A temática homoerótica foi obstruída nos mais diversos âmbitos, no cinema, no teatro e até se impediu a consolidação de movimentos sociais de coletivos homossexuais, que eram imediatamente associados a pretensões comunistas. A repressão também retardou o avanço da discussão em universidades, escolas e na sociedade como um todo. Logo, entendemos que fomentar a discussão da temática em eventos, apresentando trabalhos, oficinas e acreditando na potência que os movimentos sociais têm nesse campo, é investir em sua transdisciplinaridade, na defesa dos valores como tolerância e respeito para o estabelecimento de uma cultura de laicismo, em que a leitura literária pode desempenhar importante papel.

Temos como objetivos:

- Identificar biografemas homoculturais trans da personagem Lina Lee.
- Discutir a atuação de Aguinaldo Silva como autor guei.
- Verificar relações entre literatura e ficção, valendo-nos de textos históricos sobre a temática do conto em estudo.
- Visibilizar subjetividades interditas, temáticas censuradas, no período da ditadura militar brasileira (décadas de 1970-80).
- Valorizar as escritas de si como ação afirmativa, como construção de narrativas afirmativas sobre si mesmo, e barreira de resistência discursiva à tentativa da homogeneização da heteronormatividade patriarcal.

Metodologia:

A ideia de biografema, conceito da crítica literária, baseado em um longo progresso dos estudos biográficos, com contribuições do pós-estruturalismo através do teórico homossexual Roland Barthes,

será a forma de análise literária por nós priorizada. Com os conceitos citados, iluminaremos as páginas dos contos que serão trabalhados. Nesse sentido, André Luís Mitidieri (2015) afirma sobre a dispersão/fragmentação do sujeito ao refletir sobre o biografema:

Tais vestígios permitem refigurar as muitas histórias que poderiam ter ocorrido, e não somente a história estabelecida. Operações metonímicas, como as que se viabilizam por intermédio do conceito de biografema, somam-se às considerações atuais quanto a uma historiografia da literatura que se nega à canonicidade fixa ou presa a um só contexto. Daí a presente atenção aos lugares móveis dos textos e a seus sentidos, em lugar dos enquadramentos unânimes, nacionais, lineares e uniculturais. (grifo nosso) (p. 44)

Em uma interpretação simplificada, a proposta é: entender o sujeito como uma dispersão de fragmentos ao ar, sendo o crítico/pesquisador aquele que, sobre determinado prisma teórico, decide por dar visibilidade a determinado fragmento. Proposição que permite se debruçar às várias facetas dispersas de um diverso e interpretá-las, dando importância a novas possibilidades de mirada, para além daquelas pré-ditadas pelo cânone; a exemplo: não é o Aguinaldo Silva famoso novelista da rede globo que buscaremos ler por intermédio de nossa crítica biografemática, mas sim, um Aguinaldo silenciado, que escreve à margem, uma literatura de presença homoerótica, uma literatura daqueles que, excluídos pelo cânone, são interditados de falar ou se materializar com narrativas positivas sobre si mesmos.

Resultados:

Sobre a personagem do conto trabalhado, Lina Lee, é ficcionalmente representada, mas os fatos que vive poderiam ter ocorrido com muitas outras pessoas. Pensamos nessa escrita silenciada pelo cânone através da censura militar, como passível de releituras críticas, através de discursos, fatos e representações colocadas a ferro e fogo para debaixo do pano, como possibilidade de rasura ao discurso oficial, estatal e midiático. O espaço biográfico é uma zona de confluência que carrega em si uma grande heterogeneidade de gêneros além de formas biográficas e autobiográficas. Essa interpretação se amplia para o ficcional, sendo que todo texto é produzido por alguém, em determinado contexto e em dada sociedade. As facetas de um autor atravessam a sua escrita; em Aguinaldo Silva: O mesmo jornalista, guei e militante,

visibilizado roteirista de uma empresa de comunicação de mercado hegemônica, é apagado como romancista, contista e novelista que prioriza temáticas tão urgências sobre sexualidades desviantes. O conto é impactante por ter como narradora uma travesti. Sua temática cria uma atmosfera marcada pela imagem santificada do objeto de desejo, Cristo Xantopoulos, o grego marinheiro, que ficará atracado alguns dias na zona do Recife antigo (considerado um bairro de bordéis). Lina reside na “zona” do Recife antigo, lugar habitado por bêbados, prostitutas, bares. No porto, navios traziam muitos navegantes de várias nacionalidades, ávidos por sexo, com mulheres ou travestis. Todos se juntavam nos bares e no cabaré *Chantecler* (local de apresentação de Lina). É um espaço isolado das pessoas “normais”, dos centros, espaço de “encarceramento” para pessoas marginalizadas. Sair de lá era motivo para alguém como Lina (uma travesti) sofrer agressões, como nas vezes em que ela relata suas aventuras ao ousar sair da zona, para andar pelo comércio, no centro da cidade:

onde não permitiam a nossa presença sem as mais terríveis punições. Era como uma perigosa aventura, uma incursão em território inimigo. Eu, com meu corpo estranho com meu ar ambíguo, a caminhar em meio àquelas pessoas, a ouvir seus protestos -que horror, meu Deus!- e os olhares fulminantes que lançavam contra mim. Era como uma aposta -até onde a coragem me levaria?- que fazia comigo mesmo. Caminhando sempre e sentindo em torno de mim o ódio crescer como uma vaga gigantesca. [...]Eu era o ser que desmentia a segurança e o amor em que todas aquelas criaturas pensavam estar instaladas, eu era o perigo, por ser, vivo e igual a eles, ao mesmo tempo tão diferente (SILVA, 1977, p. 24).

É um texto que expõe essa sexualidade desviante da norma, dessas pessoas que agredem e ferem uma normalidade sem nunca terem desejado ferir ou machucar alguém. Lina Lee incomoda o que há de mais hipócrita: um moralismo mantido no espaço público social. Essas marcas transpassam uma narrativa individual, do ponto de vista da personagem ou do autor Aguinaldo S, pois temos aqui a expressão de uma narrativa coletiva, de um ser estranho, *queer*, guei, bicha, travesti. São rechaçados pela moralidade, expulsos de casa, agredidos, violentados, cerceados, impostos à situação de margem social, simplesmente por nascerem numa sociedade que sufoca e nega o prazer. Para essas pessoas, é proibido ser quem se é. Não podem exercer sua existência com alegria, amor, com auto-estima.

Discussão:

O conto que apresentamos é produzido nesse contexto de ditadura militar, de avanço tecnológico do mundo midiático, mediatizador de visões, ligadas a grupos políticos hegemônicos. Diversas das publicações censuradas no regime, produzidas por democratas, progressistas, comunistas, socialistas, feministas, homossexuais, militantes e/ou pessoas ligadas ao mundo acadêmico, bem como textos literários, traziam em seu bojo o desejo de ruptura com um discurso que vinha sendo imposto pela via do Estado, implantando visão única dos fatos da história. Foi essa a função da censura: impermeabilizar, inviabilizar, interditar e proibir qualquer tipo de discurso que buscase a construção de novos sentidos estéticos, éticos, políticos, históricos.

Julgamos importante ofertar uma parcela de Aguinaldo Silva como romancista/contista contra-canônico, por lidar com temática pouco refletida no país: ditadura militar e repressão às homossexualidades. Levantamos elementos capazes de rasurar o discurso unitário e conservador, que aceita apenas uma versão da história e intenta apagar a violência praticada pelos militares como algo antigo, passado e resolvido, uma espécie de memória que deve ser esquecida. Nada mais mentiroso, pois estamos vivendo momentos de autoritarismo político e retrocesso de conquistas sociais, onde sabemos que indígenas, mulheres, negros e homossexuais serão o alvo principal do avanço de opiniões conservadoras garantidas pela crise política nacional, a crise econômica mundial e o avanço de setores retrógrados de algumas igrejas que agem politicamente articuladas em parceria com a elite nacional/empresarial e midiática do país, apoiando as medidas retrógradas do executivo e colaborando com as mesmas no legislativo. Face a essa realidade, ressaltamos a importância desses estudos não apenas pelo viés político, mas também em horizonte com os direitos humanos, impulsionando a construção de um ideal de sociedade que valorize a educação, mobilizando-se coletivamente pela luta por mais direitos, indissociável e integrada ao respeito e tolerância ao que é diverso. Esperamos que nossa pesquisa some forças à produção de material bibliográfico, podendo auxiliar estudiosos, governantes, legisladores, operadores do direito e movimentos sociais, na construção de opiniões baseadas em história e pesquisa, na defesa de políticas públicas e valores de democracia política e laicismo.

Conclusões:

A Literatura é um terreno privilegiado para a discussão estética de um campo

que corporifique vivências e experiências individuais e coletivas. Para nós, o biografema homocultural oferta essa ampla representação de realidades, de performances, histórias em comum ao expormos narrativas de gueis e travestis. Essas narrativas traçam pontos de identificação em comum, onde se observa um passado comum de violência e repressão social, em seus lares e ruas. A noção de biografema homocultural é uma importante abordagem teórica, que pode auxiliar para uma perspectiva de educação para a diversidade, expondo que o Estado opera pela exclusão, criando barreiras para os homossexuais, principalmente nas primeiras idades e, por esse motivo, deve ser responsabilizado para reparar os erros históricos. Essa é uma compreensão de ação afirmativa, bem como a inclusão da educação para a diversidade no Plano Nacional de Educação e a PLC 122/06. Essa perspectiva visa suscitar agência dos sujeitos marginalizados, onde em um panorama moralista e autoritário, poderíamos refletir sobre as várias possibilidades de ação e intervenção social (guei, lésbica, bissexual, trans, travesti, transgênero e *queer*), suscitada pelos autores, tanto em suas vidas, quanto nas suas obras literárias.

Referências:

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

MITIDIERI, A.; CAMARGO, F. PEREIRA. (Org.). *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais*. Ilheús, BA: Editus, 2015.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (GOVERNO FEDERAL). Ditadura e Homossexualidades. In: *Relatório da Comissão Nacional da Verdade: Textos temáticos*. Brasília: CNV, 2014. Vol II.

SILVA, A. et al. *Vida cachorra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.